

## **Migrações em Cidades Globais. Latino-Americanos em São Paulo: Entre o Homo-Sacer e a Vida Nua (Zoe)**

Odair da Cruz Paiva \*

**Resumo:** As migrações contemporâneas recolocam novos sentidos e desafios para a compreensão dos deslocamentos populacionais. Esses deslocamentos abrem espaço para a multiplicidade de interpretações e pesquisas. A migração de latino-americanos (bolivianos, paraguaios e peruanos, notadamente) para a cidade de São Paulo apresenta dilemas que incidem sobre duas questões básicas. De um lado, seus influxos de ordem econômica impõem a esta população o desafio de superar o paradoxo de constituir-se como elemento fundamental para a reprodução do capital e sua condição de população sobrando e descartável (homo-sacer). A segunda deriva da imigração como estratégia de superação de sua condição de vida no país de origem e suas possibilidades de humanização (Zoe). Entre uma e outra questão, o vivido urbano, as demandas pelos serviços públicos, as determinações da cultura e a constituição e fruição dos espaços de sociabilidade constituem um ambiente importante para a compreensão do vivido destes sujeitos na cidade de São Paulo.

**Palavras chave:** migrações contemporâneas; São Paulo (Cidade); Bolivianos.

**Resumé:** Les migrations contemporaines indiquent nouveaux raisonnables et défis pour la compréhension des disloquements populacionais. Ces disloquements ouvrent de l'espace pour la multiplicité d'interprétations et des recherches. La migration de Latino-Américains (boliviens, Paraguayen et péruviens,) pour la ville de São Paulo présentent des dilemmes qui arrivent sur deux questions basiques. D'un côté, leurs influx d'ordre économique imposent à cette population le défi de dépasser le paradoxe de se constituer mange élément fondamental pour la reproduction du capital et leur condition de population sobrando et jetable (homo-sacer). Seconde dérive de l'immigration je mange stratégie de surpassement de sa condition de vie dans le pays d'origine et leurs possibilités d'humanisation (Zoé). Entre l'un et l'autre question, l'vif urbain, les exigences par les services publics, les déterminations de la culture et la constitution et le plaisir des espaces de sociabilité constituent un environnement important pour la compréhension du vif de ces sujets dans la ville de São Paulo.

**Indicateurs:** Migrations Contemporaines; São Paulo (ville); Boliviens

### **Apresentação**

O presente estudo faz parte de um projeto coletivo que pretende realizar estudos comparados sobre a situação dos imigrantes contemporâneos em cidades globais, visando dimensionar as novas tensões sociais e práticas culturais, dos encontros e desencontros nos processos sociais e políticos decorrentes da mundialização do capital <sup>1</sup>. Com o alargamento das fronteiras nacionais, novos problemas foram surgindo e intolerâncias apareceram na cena pública.

---

\* Professor do Departamento de Ciências Políticas e Econômicas da Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista – UNESP – Campus de Marília.

A pesquisa centra-se na Cidade de São Paulo, cujo crescimento, nas últimas décadas, a transformou numa megalópole. Ao se tornar um centro receptor de pessoas que migram individualmente, em busca de melhores condições de vida, ou do sonho da modernidade, nesta cidade passou-se a se reviver problemas como os ocorridos nos séculos XIX e XX, agravados por novas intolerâncias. Escolhemos analisar o caso de bolivianos, por serem em número mais significativo e por representarem distintos processos ao longo das décadas de 1970 e 2000: refugiados políticos, indocumentados e legais.

## **Introdução**

Estimativas da Organização das Nações Unidas-ONU indicam que as cidades crescem no mundo num ritmo de um milhão de pessoas por semana. Em 1950, havia aproximadamente 86 cidades no planeta com esta população, na atualidade esse número chega a 400. Hoje há 25 megacidades <sup>2</sup>, fenômeno que se expande mais nos países periféricos, como em São Paulo que se tornou a primeira macrometrópole do Hemisfério Sul, ao lado de Mumbai, na Índia, Karachi, no Paquistão, Istambul, na Turquia, Lagos, na Nigéria e Guangdong, na China, enquanto nos países do primeiro mundo o crescimento tende a uma estabilização. Paris, que em 1975 era a 7<sup>a</sup> mancha urbana, com 8.5 milhões de habitantes, caiu para a 21<sup>a</sup> posição em 2008, e há projeções para 2025 que indicam que a cidade-luz passará para a 23<sup>a</sup> posição, com 10 milhões de pessoas.

Esse crescimento desenfreado, como no caso de São Paulo, ocorreu em meio aos dois choques do petróleo, à crise da dívida externa e à hiperinflação. Em 1970, um em cada cem paulistanos vivia em favelas. Em 2005, conforme dados da Secretaria de Habitação da cidade, o número passou para um em cada cinco moradores.

O modelo de urbanização assim como as formas desordenadas de ocupação dos espaços promoveram o inchaço das periferias, ampliando os problemas urbanos, como os de deslocamentos desses trabalhadores; as auto iniciativas de organização de moradias provisórias em locais insalubres ou em áreas de mananciais; a ausência de saneamento básico; de serviços de saúde; alterações no cotidiano escolar, já precarizado e sem condições de absorver os novos usuários desterritorializados, dentre outros. Evidentemente, esse fenômeno cuja escala é ampliada nos países periféricos, ocorreu de modo menos visível nos países centrais. As diferenças estão em dois tipos de possibilidades:

- primeiro, na do deslocamento das indústrias para áreas periféricas, cujos comandos estratégicos permaneceram nas cidades centrais onde há tecnologia e mão de obra

especializada, alterando pouco a concentração urbana central que permanece especializada nos serviços administrativos;

- segundo, nessas cidades centrais desenvolveram-se soluções para se contrapor ao processo de deterioração ambiental, uma vez que a desconcentração populacional passou a ser entendida como alternativa de preservação da biodiversidade, pois a população dispersa e sem alternativas de sobrevivência provocaria mais danos sobre a natureza <sup>3</sup>.

Nessa lógica, a análise aponta para uma “deterioração” das grandes cidades nos países centrais relacionada à presença dos imigrantes. Faz importante, no entanto, frisar que mesmo sendo cidades consideradas desenvolvidas, não foram e ainda não são capazes de oferecer possibilidades de integração reais e completas aos novos sujeitos.

O que se pretende investigar com esse projeto são os direitos nas novas fronteiras que se reforçam a partir da flexibilização de outras. Em outras palavras, nas fronteiras entre os países centrais e os periféricos, que eram visíveis entre nações, e que agora estão postas entre pessoas, visto que a circulação de trabalhadores se dá num circuito mais amplo. Falar na globalização apenas como um fenômeno que cria um mundo homogêneo, mascara a perversidade dessas novas fronteiras, tão ou mais intransponíveis do que outrora, além das diversidades, tensões e antagonismos que ela gera.

Nas palavras de Octavio Ianni, a cidade global aparece como resultado de uma nova etapa do capitalismo, denominada Globalização, expressando “*novo ciclo de expansão do capitalismo, como modo de produção e processo civilizatório de alcance mundial*” <sup>4</sup>. Segundo o autor, após a II Guerra Mundial e durante a Guerra Fria, o capitalismo se desenvolveu extensivamente e intensivamente no mundo. “*Em poucas décadas, muitas nações asiáticas, latino-americanas e africanas ingressaram no sistema industrial mundial (...). Intensificou-se o movimento do capital, da tecnologia e da força de trabalho*”. <sup>5</sup> Isso ocorreu com a reestruturação da produção em escala global:

“Jogando com as convergências e os antagonismos entre nacionalismo, regionalismo e globalismo, encontram-se as empresas, corporações e conglomerados transnacionais (...) [que] sempre planejam suas atividades (...) em escala nacional, regional e mundial. Constróem cartografias minuciosas dos espaços controlados, disponíveis e potenciais, tendo também em conta os recursos de capital, tecnologia, força de trabalho, novos produtos, marketing, lobbying, etc.” <sup>6</sup>

### **Formulação geral da pesquisa.**

O fluxo internacional de pessoas e a mundialização dos mercados agem profundamente sobre as formas de pensar, sentir e agir, em especial daqueles que deixam suas famílias,

sociedades e países em busca de melhores condições de vida, de liberdade ou da garantia do próprio existir, sonho que, em muitos casos, revela-se ilusório.

O fim das utopias e a crise do socialismo real trasladaram as discussões sobre a inclusão para a esfera do direito, obrigando os pesquisadores a se questionarem a respeito da eficácia ou ilusão desse processo. Deste modo, dois movimentos de pesquisa são necessários: verificar o que pensam os imigrantes e como imaginam ver seus sonhos de vida livre (ZÔÊ)<sup>7</sup> realizados, e de outro, repensar o sentido do poder do Estado e as ambigüidades ou o paradoxo entre a exclusão e a inclusão. Se a lei é formulada para normatizar a sociedade e o judiciário não julga no geral, mas sim, no caso particular, ela é sempre inclusiva e excludente simultaneamente. O governante (Soberano) está ao mesmo tempo fora e dentro da ordem jurídica e a exceção é sempre uma espécie de exclusão incluída. Assim, surge a questão: qual a validade da ordem jurídica? É nesse sentido que se buscará dar voz àqueles cujas trajetórias revelam a migração no nível do humano, registrando-se os conflitos que geraram a jurisprudência nas questões migratórias e nas questões referentes à vida do migrante em seus espaços temporários.

Nossa pesquisa estará centrada na cidade de São Paulo, cujo crescimento nas últimas décadas, a transformou em uma megalópole, segundo classificação da ONU, tendo se tornado um centro receptor de pessoas que migram individualmente, em busca de melhores condições de vida, ou do sonho da modernidade. Escolhemos para essa pesquisa analisar os casos de latino americanos e africanos. No grupo dos latinos americanos objetivamos desvendar a situação dos bolivianos, por serem em número mais significativo e representarem processos distintos, ao longo das décadas de 1970 e os anos 2000: refugiados políticos, indocumentados e legais.

### **Pressupostos teóricos e metodológicos**

Como procedimento principal, pretende-se pela metodologia da História Oral recuperar histórias de vida dos diferentes grupos objetivando registros mais amplos do processo vivido pelos sujeitos. Assim, para cada uma das situações (migrantes legais, indocumentados, exilados ou refugiados) pretende-se registrar, por meio de gravação em áudio e vídeo depoimentos que revelem situações ligadas as temáticas da moradia, trabalho, escolaridade e diversidade cultural procurando criar espaços de expressão acerca dos dilemas da organização social, cultural e política destes sujeitos em um novo país. Pretende-se ainda, a partir dos relatos, encontrar nexos entre a memória, a história e a identidade cultural, compondo o quadro do fenômeno com a análise dos documentos relativos à imigração: acordos bilaterais,

informações decorrentes dos organismos responsáveis pelos imigrantes, documentos produzidos por ações da sociedade civil, por grupos constituídos a partir das demandas, e denúncias dos processos de violação dos códigos humanitários, por grupos de proteção definidos pela ONU.

Em primeiro lugar, é necessário anotar a existência de uma variedade de abordagens com relação à História Oral que podemos dividir em três conjuntos básicos. O primeiro deles compreende obras cujo objetivo é o de analisar, propor e organizar procedimentos para operar a História Oral em projetos e pesquisas a serem desenvolvidas em ambientes dos mais diversos. Neste primeiro conjunto estão obras como a de José Carlos Bom Meihy <sup>8</sup>, Sônia Maria de Freitas <sup>9</sup> ou Lucila Delgado <sup>10</sup> que pela sua proposição, são apreendidos como *manuais* de história oral. Ainda neste conjunto, destaca-se o trabalho de Paul Thompson *A Voz do Passado* <sup>11</sup> cujo reconhecimento se deve à forma como ele aborda a problemática da História Oral.

Em outros termos, para além das informações *mais técnicas* - como o dos procedimentos com entrevistas e projetos - a reflexão sobre a questão da memória e, particularmente, a análise sobre a relação entre os historiadores e a história oral, revela que essa forma da história possui um estatuto teórico que deve ser considerado pelos historiadores e cientistas sociais. Este estatuto transforma a metodologia da história oral em uma ação com finalidades políticas. Resgatando o pensamento de P. Thompson o desafio da história oral relaciona-se, em parte, com uma finalidade social essencial da história, dando vozes aos sujeitos .

Nesta afirmação, encontramos uma constante em todas as aproximações com a História Oral. Ela tem o potencial de, ao revelar as vozes dos sujeitos, trazendo à tona formas variadas do vivido na sociedade - especialmente de grupos subalternos –explicitar projetos de regulação e/ou de transformação social. Pela História Oral, as histórias de vida de sujeitos múltiplos e na maioria das vezes anônimos descortinam os limites de uma história feita a partir dos gabinetes.

O segundo conjunto de abordagens sobre a História Oral está expresso em trabalhos como o de Ecléa Bosi *Memória e Sociedade. Lembrança de Velhos.* <sup>12</sup> Trata-se de um estudo que, dentre outras abordagens, discorre sobre os meandros da memória. Análogo ao procedimento de Thompson quando aborda a relação dos historiadores com a oralidade, o trabalho de Ecléa propicia ao leitor uma aproximação sobre as múltiplas formas de compreensão da memória.

Seu estudo passa pela filosofia, psicologia, biologia e história, revelando potenciais e também os riscos da utilização das memórias/lembranças para a construção da história. Diferentemente de Thompson, Eclea busca uma análise abrangente da memória para compreender melhor seus depoentes, os velhos. Nesse exercício teórico/empírico, o pretérito da vida, atualizado no tempo presente, no corpo *lento* e na memória sagaz, faz da fala do sujeito um complexo de significados fundamentais para a compreensão de como os *velhos* ressignificam seu lugar no mundo contemporâneo. Assim, Eclea traz o sujeito para o centro, trata-o como uma totalidade aberta, singular e plural, única e representativa de algo mais amplo.

O terceiro conjunto de obras revela seu potencial epistemológico. Em outros termos, a potencialidade da História Oral em produzir outros conhecimentos e revelar saberes. Neste conjunto, destacamos os trabalhos da socióloga boliviana Silvia Rivera Cusicanqui. O pano de fundo de sua reflexão está na idéia de uma necessária descolonização intelectual, sem a qual, não é possível revelar experiências de vida silenciadas por formas de conhecimentos que desqualificam, subalternizam e hierarquizam saberes e conhecimentos populares. Dessa forma, o trabalho de Cusicanqui com comunidades andinas na Bolívia revela a necessidade da desconstrução do conhecimento homogêneo produzido como elemento central. A autora propõe a apreensão e liberalização dos conhecimentos pretéritos das sociedades indígenas latino-americanas como forma de recriação epistemológica dos saberes.

A história oral neste sentido é mais do que uma metodologia, é um exercício - segundo Cusicanqui – capaz de desalienar. A história oral adquiriu assim, um potencial epistemológico, com possibilidades de contribuição radical, na medida em que o que importa não é o reconhecimento nas suas fontes da veracidade ou da falta dela. Nesta proposição permitiu-se que intelectuais indígenas e mestiços se reunissem na recuperação de fenômenos sociais, em que anteriormente falavam apenas os sujeitos de um conhecimento eurocêntrico. Invisíveis e excluídos, passaram a registrar em seus relatos orais, seus modos de formular as narrativas históricas diante da lógica evolucionista e cientificista do colonialismo do saber.<sup>13</sup>

Assim, esses três conjuntos de aproximações com a História Oral revelam suas potencialidades na pesquisa sobre as migrações. Se de Thompson retemos o caráter social da história, a crítica à história produzida nos gabinetes sem o contato com os sujeitos, se de Eclea retemos a centralidade do sujeito na sua singularidade exemplar e na complexidade da memória como matéria-prima da história e se de Cusicanqui retemos o potencial epistemológico e a crítica à colonialidade do saber, encontramos na História Oral um aporte metodológico, teórico epistemológico importante fazer dos estudos migratórios um espaço de

reconstrução das trajetórias individuais e coletivas, do desenraizamento, da inserção no novo, das relações com o espaço da cidade, do mundo do trabalho, da problemática dos direitos, das determinações da cultura. Estes desafios testam nossa capacidade de reflexão e de pesquisa, ao mesmo tempo em que nos levam a propor e viabilizar estas novas abordagens.

---

<sup>1</sup> Trata-se do projeto *Imigrações contemporâneas em cidades globais: intolerâncias e solidariedades*. Fazem parte do grupo de pesquisadores: Profa. Dra. Zilda Márcia Gricoli Iokoi (DH-USP; Laboratório de Estudos Sobre a Intolerância – LEI); Cláudia Moraes de Sousa (UNIFIEO – LEI); Sandra Regina Chaves Nunes (UNIFIEO-LEI); Ms. Hélio Braga (UNIFIEO-LEI); Teresa Cristina Teles (LEI) e Julia Siguel Favaretto (Pós Graduada - DH –USP e LEI)

<sup>2</sup> A ONU define como megalópoles as cidades que concentram mais de 10 milhões de habitantes em seus limites. Manchas urbanas que englobam dezenas de municípios cujo fenômeno da conurbação liga áreas anteriormente separadas por resíduos rurais que foram desaparecendo pela expansão das periferias industriais ou simplesmente por bairros ou cidades dormitório.

<sup>3</sup> SASSEN, Saskia. *Territory, Authority, Rights*. Princeton University, 2008; e do mesmo autor: *Global City*. IE-Princeton, 2001. TRENKLE, Norbert, “Globalização e Migração” in: *O fenômeno migratório no limiar do terceiro milênio: desafios pastorais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

<sup>4</sup> IANNI, Octavio, *A Era do Globalismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996, p.11.

<sup>5</sup> Ibidem, p. 18-19

<sup>6</sup> Ibidem, p. 18-19

<sup>7</sup> AGAMBEN, Giorgio. *Homo Sacer. O poder soberano e a vida nua*. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

<sup>8</sup> MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Reintroduzindo História Oral no Brasil*. São Paulo: Xamã, 1996

<sup>9</sup> FREITAS, Sônia Maria de. *História Oral. Possibilidades e procedimentos*. São Paulo: Humanitas, 2006.

<sup>10</sup> DELGADO, Lucila A. Neves, et alii. *História Oral*. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2007

<sup>11</sup> THOMPSON, Paul. *A Voz do Passado*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992

<sup>12</sup> BOSI, Eclea. *Memória e Sociedade. Lembrança de Velhos*. São Paulo: Cia das letras, 1994.

<sup>13</sup> IOKOI, Zilda Márcia Gricoli. *Imigrantes Invisíveis: a intolerância na cidade*. In: Anais do XIX Encontro Regional de História. Poder, Violência e Exclusão. ANPUH/SP. São Paulo, 08-12 de setembro de 2008. CD-ROM